

40° Encontro Anual da Anpocs

ST17 Mídias, política e eleições

A política nos comentários: os leitores da Folha no dia em que Lula depôs à PF

Jacques Mick

A política nos comentários: os leitores da Folha no dia em que Lula depôs à PF

Resumo

A observação das seções de comentários dos jornais pode ajudar na compreensão de certos aspectos do processo de radicalização política, em contextos de polarização ideológica. O artigo analisa a escala e o perfil dos comentários de leitores em 366 notícias publicadas na internet pela Folha de S. Paulo em 4 de março de 2016, dia em que o ex-presidente Lula foi conduzido sob coerção a depor à Polícia Federal, na 24a. fase da operação Lava-Jato. Nessa data, o diário contou 28,1 milhões de páginas vistas por 4,2 milhões de visitantes únicos. Com base na bibliografia que tem discutido os usos da internet para participação política, assim como em estudos que analisam as relações entre empresas jornalísticas e leitores, nota-se que: a) o percentual de comentadores é muito baixo tanto em relação ao total de leitores quanto à escala de compartilhamentos das notícias em redes sociais; b) o perfil dos comentários, concentrados no noticiário político, reflete sobretudo posições polarizadas, frequentemente ofensivas; c) parte significativa dos comentários advém dos mesmos leitores, alguns dos quais desenvolvem a atividade de comentar como ação política. Em contextos assim, as arenas constituídas por tais seções apresentam apenas marginalmente qualidades democraticamente benéficas: são, antes, palanques para o ódio.

Introdução

Nos últimos anos, particularmente no Brasil, cresceu o ceticismo quanto ao caráter democrático dos efeitos sociais das novas mídias. Se nas primeiras décadas posteriores à expansão da internet prevaleceram as interpretações apologéticas, do tipo que vislumbrava nela uma “ágora virtual”, desde o início desta década se expandiram as abordagens que põem em dúvida a capacidade de as interações mediadas, por si, contribuírem para a democracia – ao contrário, elas podem colaborar para a proliferação descontrolada de concepções autoritárias (SILVEIRA, 2015).

Este artigo foca uma dessas arenas de enunciação, a seção de comentários nos jornais na internet. Versão sem filtros das colunas de “cartas do leitor” nas edições impressas, tais espaços se tornaram, em veículos de grande circulação, vitrines para

manifestações de todo tipo – do *hate speech* à chalaça, do narcisismo a (raras) contribuições dotadas de autêntico espírito público. Número ainda reduzido de estudos têm focado, no país, esses espaços de suposta interação entre leitores, e entre estes e os jornalistas (BARROS, 2013a e 2013b; MENDES, 2012a e 2012b; BARROS; CARNEIRO, 2015¹). Inúmeras questões restam, portanto, sem resposta. Qual o volume dos comentários publicados por leitores nas notícias de jornal *online* em relação ao total de leitores? Os comentadores de notícias expressariam a diversidade de opiniões sobre determinado tema presentes no conjunto dos leitores – ou mesmo seriam relevantes como amostra das interpretações distintas vigentes na sociedade? Os comentários de fato comportam interações? O desafio de responder a tais perguntas tem encontrado obstáculos tanto na falta de dados precisos e confiáveis sobre a audiência diária dos veículos na internet, quanto no processo, altamente trabalhoso, de aferir o volume de comentários, analisar o perfil dos comentadores e classificar as intervenções.

Este texto tenta avançar na discussão de alguns desses temas ao partir de dados relativos à audiência do diário Folha de S. Paulo no dia 4 de março de 2016, quando o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi conduzido pela Polícia Federal, sob coerção, a prestar depoimento na 24a. fase da operação Lava-Jato. Nessa data, a Folha, que “tem o *site* mais lido dentre os jornais brasileiros”, divulgou ter contabilizado 28,1 milhões de páginas vistas por 4,2 milhões de visitantes únicos (FOLHA, 2016). Foi o maior número de *page views* da história do diário até então – embora o número de *unique visitors* tenha sido menor que registro anterior, de dezembro de 2015, com 6,3 milhões de leitores. O artigo estuda o perfil e o conteúdo de 2380 comentários postados em 366 notícias publicadas nos sites do jornal naquele dia².

Esta é uma pesquisa quanti-qualitativa, cuja metodologia dialoga com a análise de Barros (2013a), baseada em ampla revisão de estudos análogos. Quanto à distribuição dos comentários, os indicadores analisados são os seguintes: distribuição das notícias por

1 Mendonça, Sampaio e Barros (2016) oferecem um panorama preciso desses estudos, sob a perspectiva da teoria deliberativa da democracia.

2 A análise foi feita a partir dos resultados do mecanismo de busca à data “04/03/2016” (<http://search.folha.uol.com.br/search?q=04%2F03%2F2016&site=online&sd=04%2F03%2F2016&ed=04%2F03%2F2016>). Participaram da coleta e análise dos dados quatro alunos de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (Carla Tassinari Alves, Franciele Silveira Borges, Tatiana Balistieri e William Cardoso Mendonça) e dois intercambistas argentinos, Cristina Esteban (Universidade de Buenos Aires) e José Manuel Vecino Salvador (Universidade Nacional de Cuyo).

editoria ou seção; número total de comentários (em relação ao total de leitores); número total de compartilhamentos (em relação ao total de comentários e ao total de leitores); número médio de comentários por notícia (por editoria ou seção); número médio de compartilhamentos por notícia (por editoria ou seção); características temáticas e editoriais dos textos mais comentados e compartilhados. Em relação ao perfil dos comentadores, são considerados: quantidade de nomes, distribuição por sexo presumido e total de comentários postados por nome. Quanto ao perfil dos comentários, optou-se por uma abordagem qualitativa (à diferença dos estudos sobre o tema sob a teoria deliberativa). Realizou-se análise de conteúdo das postagens de leitores nas reportagens de Poder e, além disso, foram observadas as características e a quantidade de comentários repetidos ou excluídos, a incidência de discussões (comentários sobre comentários) e suas características. Tanto para compartilhamentos, quanto para comentários, os números podem conter pequenas variações, porque ambas as ações dos leitores puderam se dar continuamente, após a publicação do texto. A coleta de dados ocorreu entre 10 e 21 de abril de 2016 e a análise foi realizada em fragmentos temporais espalhados entre maio e agosto de 2016.

O texto se estrutura em duas seções. Na primeira, os dados são apresentados. Na segunda, discute-se o material, tendo como referência tanto estudos sobre a internet e a participação política, quanto sobre as intervenções do público no discurso jornalístico. Em termos teórico-metodológicos, o objetivo é contrapor os dados empíricos às interpretações favoráveis e às céticas em relação à contribuição dos recursos interativos ligados à imprensa (especialmente os comentários) para a democracia. Como observa Silveira (2015, p. 215), a internet “não aumenta só o poder de quem defende a democracia, a justiça ou as causas mais caras para a humanidade”.

1. O que a Folha disse, o que os leitores disseram

Dos 374 textos publicados pela Folha em 4 de março de 2016, foram excluídos da análise oito notícias publicadas na seção “Livreria da Folha”, que não permitem comentários. Com isso, o corpus foi reduzido a 366 textos, 60% deles concentrados nas editoriais de Mercado, Poder e Colunistas (Tabela 1).

Tabela 1 - Distribuição por editoria dos textos do site da Folha de S. Paulo em 4/3/2016

Editoria	N.	%
Mercado	108	30%
Poder	83	23%
Colunistas	24	7%
Esporte	23	6%
F5	22	6%
Cotidiano	18	5%
Mundo	17	5%
Ilustrada	11	3%
Outras	60	16%
Total	366	100%

Fonte: folha.uol.com.br. Elaboração do autor.

Num dia de efervescência política, o predomínio de Mercado no volume do noticiário reflete a rotina, a presença elevada de textos de serviço repetidos diariamente (indicadores de bolsas de valores, fundos, moedas, commodities e outros somam 89 publicações, 82% do conteúdo da seção). Descartados esses itens de serviço, a análise dos temas das seções Mercado, Poder e Colunistas comprova o predomínio absoluto, naquela edição, da cobertura do depoimento de Lula e seus desdobramentos políticos e socioeconômicos. A relevância das pautas de Poder e das análises dos Colunistas se explicita quando se observa a distribuição de comentários e compartilhamentos (Tabela 2).

Tabela 2 – Distribuição por editoria de compartilhamentos e comentários dos textos do site da Folha de S. Paulo em 4/3/2016

Editoria	Compartilhamentos		Comentários	
	N	%	N	%
Poder	397023	66%	1389	68%
Colunistas	143350	24%	510	25%
Mercado	25188	4%	40	2%
Outras	36399	6%	101	5%
Total	601960	100%	2040	100%

Fonte: folha.uol.com.br. Elaboração do autor.

Com 23% dos textos daquele dia, Poder respondeu por 66% dos compartilhamentos e 68% dos comentários. Com apenas 7% dos textos, a seção Colunistas obteve 24% dos compartilhamentos e 25% dos comentários. A importância, para os leitores, dos textos opinativos ou interpretativos típicos dessa editoria se reforça pelo volume médio de compartilhamentos e comentários por texto, o mais elevado de todas as seções: 5.972 e 21,3 respectivamente (contra 4.783 e 16,7 em Poder). Os colunistas, formadores de opinião, têm notável importância no debate público: Mônica Bergamo escreveu dois dos cinco textos mais compartilhados do dia e, além dela, Reinaldo Azevedo, Fernando Canzian e Hélio Schwartzman ocuparam lugar importante entre os 20 itens mais comentados ou compartilhados naquele dia.

O total de comentários na edição online foi de apenas 2.040, entre 4,2 milhões de leitores. O total de comentários equivale a 0,0005% dos *unique visitors* daquela data. A média de comentários por texto naquele dia também é baixa (5,6). Não receberam nenhum comentário 231 textos (63% do total do dia) – todos os itens de serviço da editoria Mercado se incluem nessa condição. Receberam de 1 a 10 comentários 101 textos; de 11 a 50 comentários, 25 textos; mais de 50, apenas 9. Do total de comentários, 30 foram removidos por infringir “as regras de uso do site” (1,5%). A maioria das postagens (74,7%) limitava-se a comentar o item noticioso em questão, enquanto 25,3% referiam-se a outros comentários – ou seja, apenas um quarto dos comentários reflete alguma possibilidade de diálogo ou interlocução entre os leitores. Todos os 20 textos mais comentados se referem ao depoimento de Lula e a seus desdobramentos, e eles

concentraram 70% dos comentários do dia (Quadro 1).

Quadro 1 – Os 20 textos mais comentados do site da Folha de S. Paulo em 4/3/2016

Título da notícia	Editoria	N. Com.
Polícia Federal faz operação na casa do ex-presidente Lula, na Grande SP	Poder	246
Ministro do STF diz que decisão de Moro foi 'ato de força' que atropela regras	Colunistas	233
Em depoimento, Lula perde paciência com pergunta sobre pedalinhas	Poder	152
Não vou abaixar a cabeça', diz Lula ao se sentir 'prisioneiro' em ação da PF	Poder	146
Há indício de que Lula recebeu verba desviada no petrolão, diz Procuradoria	Poder	78
Em ato pró-PT, Lula se oferece para ser candidato em 2018	Poder	61
Lula, Heidegger e a verdade	Colunistas	54
Lava Jato enquadra agressividade de Lula, e protestos ganham força	Poder	54
Dilma: da política à polícia	Colunistas	53
Com receio de se tornar alvo, PSDB atacará Delcídio do Amaral	Colunistas	48
Mais política do que jurídica, intimação coercitiva de Lula foi ilegal	Poder	44
Condução coercitiva de Lula foi decidida para evitar tumulto, diz Moro	Poder	40
Lula enterra ainda mais a sua biografia	Colunistas	39
Acuado, Lula 'dribla' denúncias e lembra estratégia no mensalão	Poder	33
Aécio se diz preocupado com violência em atos pró e contra Lula	Poder	33
Para PT e aliados, ação contra Lula é 'política', 'ilegal' e 'espetáculo'	Poder	31
Planalto vê 'operação casada' de PF e reportagem para enfraquecer Dilma	Poder	31
Nervosa, Dilma convocou reunião de emergência e xingou Delcídio	Poder	27
Após três horas de depoimento, Lula vai para diretório do PT	Poder	25
Dilma se diz 'inconformada' com ação contra Lula e nega falas de Delcídio	Poder	24

Fonte: folha.uol.com.br. Elaboração do autor.

O total de compartilhamentos foi de 601.960; se cada *unique visitor* compartilhasse somente uma matéria, 14% teriam dividido algum conteúdo da Folha em suas redes sociais naquele dia. O percentual relativamente baixo pode se dar porque a Folha impõe um *paywall* que barra o acesso de não-assinantes à maior parte de seu

conteúdo. Também é possível que o número de leitores seja menor que o de *unique visitors*, já que cada usuário pode ter acesso ao jornal por meio de vários *devices* durante o dia (*smartphone*, *tablet*, computadores fixos ou portáteis, cada um com pelo menos um IP diferente).³ Os 20 textos mais compartilhados somaram 447 mil redirecionamentos e respondem por 74% do total de compartilhamentos daquele dia (Quadro 2).

Este artigo não considera o impacto dos textos publicados na página da Folha no Facebook, seguida por mais de 5 milhões de usuários da rede social. O volume de compartilhamentos informado no site da Folha refere-se aos cliques produzidos pelos leitores nos ícones disponíveis na própria matéria, relativos a Facebook, Twitter, Google +, LinkedIn e remessas por e-mail. Assim, o total de envolvimento dos leitores com o conteúdo da Folha é maior do que o registrado no jornal online. Estudar retrospectivamente postagens do Facebook demanda pesquisas individuais por matéria, e nem todas são postadas na fanpage. A busca na rede social pelos artigos mais compartilhados da edição mostra que as diferenças em relação ao total de comentários podem ser bastante significativas. A nota “Com receio de se tornar alvo, PSDB atacará Delcídio do Amaral” recebeu 501 compartilhamentos e 163 comentários no Facebook – três vezes mais comentários que no jornal online, mas apenas uma fração dos compartilhamentos; a notícia “Polícia Federal faz operação na casa do ex-presidente Lula, na Grande SP” teve 17 mil compartilhamentos e 1.146 comentários, um quinto dos compartilhamentos do jornal online, mas quatro vezes mais comentários. De modo semelhante, a nota “Ministro do STF diz que decisão de Moro foi 'ato de força' que atropela regras” recebeu, na fanpage, 4,3 mil compartilhamentos, quase 12% do total do jornal online, e 1,1 mil comentários, cinco vezes mais. Em todos esses itens, os leitores que acessam a Folha diretamente no site compartilharam muito mais do que comentaram, enquanto os que leram via Facebook comentaram proporcionalmente mais do que

3 Permanece um desafio à pesquisa do público do jornalismo conhecer a média de *devices* utilizada diariamente por um usuário. É possível que o leitor típico da Folha acesse o jornal por pelo menos dois dispositivos num dia de noticiário quente – um *smartphone* e um computador fixo ou portátil, por exemplo. Isso resultaria num total de leitores equivalente, pelo menos, à metade do total de visitantes únicos. Além disso, tanto um dispositivo móvel quanto um fixo (nesse caso, se alternar entre uma conexão de grupo ou uma sem fio) podem conectar-se ao jornal com mais de um IP a cada dia. Por outro lado, é também possível que, em conexões que dispõem de *proxy*, mais de um leitor acesse o jornal para cada IP identificado. Tudo isso significa que o número de visitantes únicos é uma referência bastante imperfeita para aferir-se o total de leitores – outros indicadores podem estar disponíveis para os jornais, mas não são de acesso público.

compartilharam, comparando-se à edição online.

Quadro 2 – Os 20 textos mais compartilhados do site da Folha de S. Paulo em 4/3/2016

Título da notícia	Editoria	Comp.
Com receio de se tornar alvo, PSDB atacará Delcídio do Amaral	Colunistas	82000
Polícia Federal faz operação na casa do ex-presidente Lula, na Grande SP	Poder	75000
Planalto vê 'operação casada' de PF e reportagem para enfraquecer Dilma	Poder	50000
Mais política do que jurídica, intimação coercitiva de Lula foi ilegal	Poder	44000
Ministro do STF diz que decisão de Moro foi 'ato de força' que atropela regras	Colunistas	36000
Buzinas, fogos e vuvuzelas amplificam 'aplausão' a favor da Lava Jato	Poder	18000
Em ato pró-PT, Lula se oferece para ser candidato em 2018	Poder	16000
Há indício de que Lula recebeu verba desviada no petrolão, diz Procuradoria	Poder	15000
Dólar cai a R\$ 3,72 e Bolsa sobe com ação da Polícia Federal contra Lula	Mercado	15000
Ex-presidente teve sigilos bancário e fiscal quebrados por ordem de Moro	Poder	14000
Em depoimento, Lula perde paciência com pergunta sobre pedalinhos	Poder	12000
Dilma: da política à polícia	Colunistas	11000
Lava Jato enquadra agressividade de Lula, e protestos ganham força	Poder	9900
Ovacionado pela militância, Lula retorna para casa em São Bernardo	Poder	9400
Dilma faz reunião de emergência para discutir Lula e Lava Jato	Poder	7200
Ministro da Justiça de FHC vê 'exagero' em ação da PF contra Lula	Poder	6800
Após 340 dias no espaço, astronauta Scott Kelly volta à Terra mais alto	Ciência	6600
Nova fase da Lava Jato foca pessoas diretamente ligadas a Lula	Poder	6500
Cunha tinha gastos milionários em lojas de luxo no exterior, diz PGR	Poder	6500
Lula enterra ainda mais a sua biografia	Colunistas	6100

Fonte: folha.uol.com.br. Elaboração do autor.

A comparação entre os 20 textos mais comentados e 20 os mais compartilhados no site aponta 18 diferenças, nove em cada bloco. Entre as notícias mais compartilhadas, estão três textos críticos ao PSDB ou à condução coercitiva de Lula. É possível que

leitores alinhados ao lulismo (SINGER, 2012) tenham concentrado suas ações naquele dia em partilhar informações que lhes parecem úteis ao combate político ou ajustadas a suas representações. Como o cenário jornalístico e midiático no Brasil tende fortemente à direita, alguns leitores à esquerda acabam por abrigar-se na Folha (um diário liberal em economia e em comportamento, contra concorrentes conservadores em uma ou em duas dessas dimensões).

1.1 Quem comenta?

Se se trata de alguma espécie de "esfera pública", a seção de comentários de um grande jornal conforma uma esfera predominantemente masculina, e com um grupo muito reduzido de agentes. Apenas 589 leitores comentaram naquele dia, menos de 0,02% do total de *unique visitors*. A maior parte deles usa nomes inventados como apelidos, ou apenas o prenome. Alguns escolhem a linha opinativa (cidadão cansado de político, É RIR PRA NÃO CHORAR!!!, quero um País melhor, Tudo isso acontecendo e eu...), outros utilizam símbolos ou siglas (-, ., Gj, jc, srq, xx), outros ainda aproveitaram o cadastro para se divertir (zé pindaíba, ZEUS, sabidinha, Pica pau, O BRUXO). O mapeamento da distribuição por sexo é arriscado, porque grande parte dos nomes não o indica claramente – e, mesmo se indicasse, não é certo que o sexo do usuário corresponde ao do nome. Feitas essas ressalvas, foi possível identificar apenas 22 nomes presumidamente femininos e 216 presumivelmente masculinos, dez vezes mais. Em 351 casos, contudo, essa associação não pôde ser feita. O predomínio de vozes masculinas na "discussão" é uma constatação reforçada pela observação dos argumentos dos leitores.

A Folha tem comentadores sistemáticos, que opinam diariamente (ou quase) e em profusão. Entre os que postaram em 4 de março, seis tinham mais de 10 mil comentários registrados em seus cadastros: Dewey (11,7 mil), borges e Lorenzo Frigerio (11,4 mil cada), Déjà vu (11,3 mil), TFC (10,4 mil) e Boca II (10,2 mil).⁴ Os 120 leitores que fizeram mais de cinco intervenções cada naquele dia responderam por 63% do total de comentários – ou seja: cerca de um quinto dos leitores concentram dois terços das postagens. Os dez comentadores mais ativos daquele dia produziram quase 15% dos itens

4 Desde 1 de agosto de 2016, quando a Folha mudou a política de comentários (como ser verá mais adiante), não é possível ter acesso ao estoque de postagens de nenhum dos leitores. Assim, não se consegue observar se há ou não robôs entre os comentadores frequentes.

(Tabela 3).

Tabela 3 – Dez comentadores mais frequentes dos textos do site da Folha de S. Paulo em 4/3/2016

Nome do comentador	Comentários	%*
Presto	56	2,7%
Rudi	33	1,6%
borges	31	1,5%
Analista MG	30	1,5%
PH Andrade	27	1,3%
rogemon	26	1,3%
Tony2042	25	1,2%
Brasileira	23	1,1%
Servulo	23	1,1%
TFC	21	1,0%
Total	295	14,5%

* Em relação ao total de comentários naquele dia.

Fonte: folha.uol.com.br. Elaboração do autor.

A análise dos perfil das postagens dos dez comentadores mais frequentes daquela sexta-feira mostra que eles se dividem de maneira desigual entre leitores anti-Lula (7) e pró-Lula (3) – não há indefinidos nesse grupo. Os três defensores do governo somaram 3,8% do total dos comentários do dia, enquanto os sete opositores responderam por 10,7% do total. Em seguida, analisaremos as posagens dos comentadores mais frequentes, organizadas por posição política a favor ou contra Lula.

O grupo contrário a Lula entre os dez comentadores mais frequentes de 4 de março 2016 é formado por Presto, Rudi, borges, PH Andrade, rogemon, Servulo e TFC. Presto foi o comentador mais frequente: assinou 56 postagens, 2,7% do total da edição. É um leitor de frequentes comentários, com mais de 3100 postagens ao todo. Parece se dedicar a ler comentários feitos por outros e, a partir daí, intervir e opinar: dos 56 comentários dele, 44 são respostas a outras postagens e não às notícias diretamente.

Presto só escreveu em textos relacionados ao depoimento de Lula.⁵ Claramente é anti-PT, anti-Lula e anti-Dilma, considerando-os, todos, corruptos. Seus comentários são muitas vezes sarcásticos e irônicos, utiliza expressões retóricas para enfatizar um tema e é possível notar um rastro de soberba nas palavras que escolhe. Parece ser instruído: nomeia Heidegger, Foucault, Sartre, Derrida, Ricouer, Schiller e até Marx (para criticá-lo: “todo comunista é cow ward”). Faz várias vezes auto-referência (“Juscelino compra um carro no nome de outra pessoa? Compre um para mim no nome de presto”) ou fala de si mesmo em terceira pessoa (“Presto nao trabalhar ninguém e ser dos iluminati”).

Aproveitou o nome da operação da Polícia Federal (Alethéia) para descrever o conceito filosófico que se refere a verdade, sinceridade ou não-ocultamento. Denigre petistas, tratando-os como “canídeos,” como “não-homens” ou relacionando Lula a Hitler. Menciona Joseph Mengele e Ernst Röhm, personagens da história do nazismo; se diz “iluminati” (sic), supostamente vinculado a uma sociedade secreta. Sua imagem de “bom governo” está posta na Europa, particularmente na política social e tributária da Alemanha: “São neoliberais, mas colocaram os benefícios à população”. O governo Dilma é para ele comunista e corrupto (sendo o comunismo sinônimo de corrupção): “Nome da crise. CAB: Comunistas assaltaram o Brasil.”

Rudi também tem perfil antipetista e é comentarista mais frequente que Presto, com 5311 postagens. Escreveu 6 comentários, que repetiu em várias postagens, totalizando 24. Entre discursos de ódio e pejorativos, menciona também informações de outras épocas e supostos casos de corrupção do PT anterior e posteriormente ao governo de Lula (“Lembra quando desde 72 você Luuuullllaa extorquia os empresários, lembra dos 200 mil da MBB?”). Utiliza palavras e conceitos também usados pela esquerda como xingamento e caracterização da oposição reacionária (“pelego”, “parasita”), palavras que entram em um jogo de narrativas.

Os 32 comentários do usuário inscrito como *borges* foram distribuídos em 11 reportagens, sendo 13 deles em uma notícia específica (“Não vou abaixar a cabeça”, diz Lula ao se sentir 'prisioneiro' em ação da PF”). Trata-se do mais fecundo comentarista

5 As notícias mas comentadas por ele são, conforme a quantidade de comentários: 'Não vou abaixar a cabeça', diz Lula ao se sentir 'prisioneiro' em ação da PF (12); Polícia Federal faz operação na casa do ex-presidente Lula, na Grande SP (10); Dilma: da política à polícia (9); Há indício de que Lula recebeu verba desviada no petrolão, diz Procuradoria (7) e Em depoimento, Lula perde paciência com pergunta sobre pedalinhos (5).

dentre os dez mais frequentes desse dia, com mais de 11,5 mil postagens em seu cadastro. Considera as acusações contra Lula como factuais, o acusa de incitar violência e argumenta numa clara tentativa de desmoralizar o ex-presidente, o PT e manifestações pró-governo previstas para a semana seguinte, assim como exalta o trabalho do juiz Sérgio Moro na ação policial. A maioria dos comentários dirigiu-se diretamente à reportagem, numa espécie de monólogo ecoante entre os 146 comentários daquela notícia. Apenas em um deles, em postagem a outro comentário, pode-se observar a tentativa de diálogo, ainda que este venha apenas afirmando o comentário anterior. Nele demonstra sua confiança no STF (Superior Tribunal Federal) e no MP (Ministério Público) no desenrolar da investigação e em suas forças ao conter as promessas de luta do ex-presidente.

Comentários de *borges* em outras notícias referem-se a Dilma Roussef utilizando dados arbitrários e ofensas à então presidente. Também reafirmam acusações contra o ex-presidente Lula. Em notícia que tratava de situação boliviana, segundo a qual Evo Morales era investigado em processo requerido pela oposição, *borges* os chama de “bolivarianos perversos e corruptos”, demonstrando satisfação pelo fato de que estarão “todos eles” saindo do poder, assim como no Brasil. Considera o impeachment de Dilma “irreversível”, compara a trajetória dela à de Collor e prevê Temer como presidente ainda em 2016. Além disso, mostra satisfação com a operação da Polícia Federal, solicita investigação de líderes de instituições ligadas ao PT - como o atual presidente da CUT -, sugere o uso de guilhotina (“Guilhotina neles, como na revolução francesa”) e cita um versículo da Bíblia (“Porque não há nada oculto que não venha a ser revelado, e nada escondido que não venha a ser conhecido e trazido à luz.” Lucas 8:17”), o que agrada a outros leitores.

borges destila ofensas contra Lula: em tom pejorativo, o chama de petralha e afirma que nos EUA ele já estaria preso. Na notícia “Ministro do STF diz que decisão de Moro foi 'ato de força' que atropela regras”, *borges* diz que o juiz precisa ter cuidado para não errar novamente, pois é fundamental para a deposição de todos os corruptos nessa investigação; disse também que, dada sua eficiência no caso, o erro - a condução coercitiva de Lula - seria remido.

PH Andrade, o quarto antipetista, postou 27 comentários naquela data – 16 sobre

outros comentários e 11 referindo-se às notícias – alguns deles repetidos. Ao todo, PH postou mais de 4 mil vezes na Folha. Discute com aqueles que parecem não concordar com ele. Valoriza a PF e o juiz Moro. Acredita que o PT faz parte de um esquema bolivariano, e se coloca contra tal política. Repete os mesmos argumentos. “O Lula vai para a cadeia”. “Esse PSB não engana ninguém. É tão comprometido com o Foro de SP quanto o partido do Barba. Esse simulacro de oposição nada mais é do que a 'estratégia das tesouras' criada por Lênin. Olho vivo, gente. Esses também são bolivarianos, por mais que façam pose de Oposição. Também estão comprometidos com o marxismo cultural, o aparelhamento do Estado e a corrosão da democracia e das liberdades individuais em benefício do Estado-camarada.”

rogemon é um antipetista vulgar, chulo e ofensivo. Autor de mais de 6 mil comentários na Folha, escreveu 26 postagens no dia do depoimento de Lula, quase todas sobre o tema. (A exceção foi um comentário a notícia sobre detenção, na Bolívia, de ex-namorada do presidente Evo Morales, igualmente relacionado à crise no Brasil: “Se precisar de ajuda, ela devia Ligar para o Illullla porque daí, logo, logo, ela vira vítima do sistema judicial truculento da bolívia”). *rogemon* teve apenas um comentário removido pelo sistema da Folha, embora suas postagens sejam cheias de palavrões disfarçados com artifícios gráficos (“Vc, bbboosta de presidente, vai dançar também. [...] Mmmerddd de ser humano vc é” e ainda “cccusssao”, “ffrouxxxxo”, “immmmbbecis”, “bunnndas mmmollles”, “cccannnalha”, entre outros usos). Alterna xingamentos com argumentos em que, sobretudo, enaltece a Lava Jato.⁶

Servulo, autor de 23 comentários no total – sendo 18 sobre outros comentários e 5 sobre notícias –, não é dos comentadores mais frequentes: conta mais de 670 postagens em seu cadastro. Quase todos os seus comentários naquela data são na tentativa de ofender outros comentadores, Lula, o PT ou aqueles que ele considera pró-PT. Faz comentários pouco coerentes e não tenta argumentar. “Palhaçada é RRoubbo à Ppetrobras, palhaçada é a korrupção”, repetiu três vezes. “Chora, ppetralhada, choora. Sei que é doído olhar adiante e enxergar apenas dengue, microcefalia e cadeia. Cadeia para os medalhões do ppethê, DDyrceu, VVacary, J\$antana já estão lá; o Mai\$ One\$to

6 “Definitivamente a lei neste país passou a valer para todos. E o efeito multiplicador e saneador que a LavaJato vai produzir na política brasileira é inimaginável. Parabéns aos membros do Ministério Público, à Polícia Federal e ao Juiz Moro pela dedicação, espírito público e coragem demonstrada ao longo de todos os últimos anos em prol da honestidade!”

está a caminho”, repetiu cinco vezes.

O último dos antipetistas entre os dez mais frequentes comentadores de 4 de março, TFC tem uma participação pontual em cada texto que comenta. Na maioria das notícias, comenta apenas uma vez, no máximo duas, não importando quantos comentários foram feitos ao texto. Em duas notícias, é o único a comentar. É um opinador frequente da Folha, com mais de 10,4 mil postagens. Em 4 de março, a maioria de seus comentários focou notícias do âmbito da política e da operação Lava Jato, mas também tratou de itens fora desse âmbito – por exemplo, sobre futebol e queda na produção de veículos. Em seus comentários políticos, se declara contra o governo do PT e a favor da operação Lava Jato e do juiz Sergio Moro. Não é possível identificar se o comentarista é filiado a algum partido de oposição, mas seus comentários veementes se opõem à então presidente, ao ex-presidente Lula e ao PT. Não tem interesse em interagir com outros comentaristas, mas apenas de expressar sua opinião, deixar sua marca. Geralmente usa ironia e sarcasmo, em português correto: “Epa, epa, epa. Quem colocou o Brasil em estado de exceção foi o próprio P\T. Seus covardes, a casa caiu”.

Entre os comentadores favoráveis a Lula ou ao PT, Analista MG foi o mais ativo em 4 de março, com 30 postagens. Autor de mais de 4 mil comentários na Folha, ele em geral participa de forma reativa: comenta, responde e interage sobre o que outros leitores escreveram. A partir de seus comentários, revela-se uma pessoa moderada, dialogando discreta e objetivamente com os demais. Poucas vezes demonstra-se neutro, e na média manifesta-se polidamente a favor do governo petista. Parece observar como os outros leitores se manifestam, para intervir quando considera oportuno. Só permanece no diálogo se a interatividade se mantém num debate sério; a medida que os comentários evoluem para a superficialidade, para de comentar.

Um de seus comentários, sobre a reportagem sob o título “Lula, Heidegger e a verdade”, pode ajudar a entender o perfil do autor: “Respeito sua visão, mas tenho a minha, diferente. E entendo ser substancialmente estreita a ideia de colocar toda a culpa de um sistema político ruim, adoentado, nas costas de um partido político, cujos programas sociais evitaram uma explosão da violência no Brasil (partido esse que vem sendo detonado por guerra de poder, não por que seja o pior). E governar para diminuir injustiças e diferenças não é populismo, é cuidar do povo, como diz o Papa Francisco.”

Tony2042 publicou 25 comentários em seis textos da edição de 4 de março. É um comentarista regular, com mais de 1,5 mil postagens acumuladas. Em outras datas, também concentra suas intervenções em conteúdo político. Critica regularmente o governo Alckmin, parlamentares (“Além disso é favorável ao trabalho escravo e ao desmatamento. É racista e cheio de preconceitos à moda dos nazi”) e as concessões do governo federal aos interesses do capital. (“Cunha e vocês cozinhas, todos iguais”). Politicamente, situa-se na defesa de Lula e do PT, e o faz mobilizando principalmente dois argumentos: o de que o procedimento ilegal determinado pela Justiça constitui ameaça a todo cidadão e o de que políticos de outros partidos não receberam dela tratamento idêntico. “Hoje foi ele [Lula], amanhã poderá ser você ou qualquer cidadão” foi o discurso mais repetido pelo comentarista. Certos argumentos indicam que atua ou tem formação no campo do Direito (“Qualquer aluno do segundo ano de Direito sabe...”; “Jornal não é lei substantiva ou adjetiva penal...”). Parece ser homem, com formação superior, que reside ou trabalha em São Paulo. Também critica o governo, sob uma perspectiva que parece estar à esquerda.

Tony2042 se envolve em discussões com outros leitores – 11 das postagens se referem a comentários. Geralmente respeitoso em relação ao interlocutor, formula perguntas como estratégia de contra-argumentação (“Será que somente há corruptos petistas?”).

Autora de 23 comentários, Brasileira escreveu três das 30 postagens removidas por infringir as regras de uso do site. Ao todo, tem menos de 400 comentários publicados. Nas postagens de 4 de março de 2016, demonstra posição política favorável ao governo do PT e crítica a oposição e a classe média (“A oposição será derrotada nas eleições de 2018. Se pensam que os trabalhadores estão derrotados, estão muito enganados. A classe média é burra e ingrata, ela se beneficiou da política econômica de Lula e Dilma, agora cospe no prato que comeu por doze anos.”). Repete frases em várias postagens (“Por onde o crime passa deixa rastros” e “Quando os corruptos da oposição serão presos?” são frequentes), todas elas referentes ao depoimento de Lula.

Em síntese, a observação do perfil dos comentaristas mais frequentes indica que, naquela data, a seção de comentários da Folha refletiu características do processo de polarização política que tem marcado a sociedade brasileira nos últimos anos, entre

grupos próximos ou contrários aos governos e lideranças do PT (TATAGIBA; TRINDADE; TEIXEIRA, 2015). No bloco antilulista, combinam-se uma minoria de leitores preocupados em construir argumentos razoáveis ou frases lúcidas a número muito mais significativo de comentaristas movidos por variados tipos de ódio, sobretudo o personalizado contra o ex-presidente. Linguagem chula e incitações à violência são comuns ao discurso antipetista (ou antilulista). No bloco dos próximos ao governo, provavelmente em função do noticiário adverso contra o principal líder do PT, a linguagem ofensiva é menos frequente e a argumentação é, em geral, defensiva. Para ambos os grupos, a área de comentários é utilizada para ação política, como se cada postagem fosse um cartaz numa passeata. A dimensão performática marca uma parcela dos comentários: os leitores parecem valorizar a presença de espírito, a ironia, às vezes a chalaça.

A despeito disso (e coerentemente com o contexto de polarização), os diálogos entre os comentaristas são raros e não há sinal de entendimento ou concordância entre leitores de posições políticas diferentes. Se a seção de comentários da Folha representa algum tipo de esfera pública, é uma na qual intervêm agentes politicamente apaixonados, nada interessados em consenso – e, frequentemente, dispostos ao conflito aberto. A condução coercitiva de Lula, momento-chave no longo processo de desgaste político que resultou no impeachment de Dilma Rousseff em agosto daquele ano, favoreceu, sobretudo nos leitores antipetistas, a experiência política da *catarse*, no sentido gramsciano: “Pode-se empregar a expressão “*catarse*” para indicar a passagem do momento meramente econômico (ou egoístico-passional) ao momento ético-político, isto é, elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isto significa, também, a passagem do “objetivo ao subjetivo” e da “necessidade à liberdade”” (GRAMSCI, 2006, p. 314)⁷.

7 Gramsci (2006, p. 314-5) pensa a *catarse* como um fenômeno que conduz a um movimento emancipatório: “A estrutura, de força exterior que esmaga o homem, assimilando-o e o tornando passivo, transforma-se em meio de liberdade, em instrumento para criar uma nova forma ético-política, em origem de novas iniciativas”. No caso dos leitores da Folha, a *catarse* pode sinalizar a emergência de formas superiores de ação política, mas não necessariamente num sentido emancipatório. Isso, a nosso ver, em absoluto é incoerente com o restante da observação gramsciana sobre o fenômeno: “A fixação do momento “*catártico*” torna-se assim, parece-me, o ponto de partida de toda a filosofia da práxis; o processo *catártico* coincide com a cadeia de sínteses que resultam do desenvolvimento dialético”.

1.2 O que se comenta?

Analizamos o conteúdo dos comentários dirigidos aos quatro textos mais discutidos na Folha daquela data: “Polícia Federal faz operação na casa do ex-presidente Lula, na Grande SP”, “Ministro do STF diz que decisão de Moro foi 'ato de força' que atropela regras”, “Em depoimento, Lula perde paciência com pergunta sobre pedalinhos” e “'Não vou abaixar a cabeça', diz Lula ao se sentir 'prisioneiro' em ação da PF”. Eles somam 777 comentários, 38% do total.

O mais comentado dos textos, “Polícia Federal faz operação na casa do ex-presidente Lula, na Grande SP”, recebeu 246 postagens. Delas, 74 enfatizam a Operação Lava Jato, felicitam a PF e o juiz Sérgio Moro. Há entre eles comentários animados, brincalhões: “Viva Moro! Viva o MP! Viva a PF. Resgate do orgulho de sermos brasileiros”. Atacam Lula num sentido mais pessoal, como líder de facção criminosa, bêbado, psicopata etc., 71 comentários: “A casa caiu véio !! A Papuda te espera, ha ha !! para a felicidade do povo brasileiro. Esperamos que o Sr. fique lá uns trinta anos, ou até o fim de seus dias.” Têm teor antipetista outros 42 comentários: criticam o partido, a maioria comparando-o com uma gangue criminosa ou um de comunismo autoritário: “Chora, ppetralhada, choora. A gente avisou que o Japonês tava no aquecimento, né?”. Apenas 4 leitores defendem o PT e Lula. Seis comentários usam o argumento da justiça seletiva, questionando ‘por que só o PT?’. Oito comentários formam em seqüência o hino nacional. Cinco falam diretamente em Deus.

Há brigas. Quando alguém usa o argumento de justiça seletiva, é chamado de petralha e ouve coisas como “o sentimento que eu tenho pelo Brasil você deve ter por Cuba”. Fora isso, existe certa interação: se argumenta e se comenta bastante em concordância. Os oito comentários formando o hino nacional são de comentaristas diferentes, por exemplo. Existe um clima nacionalista e muitos compartilham um sentimento de ‘justiça feita finalmente’ e também de vingança – finalmente “vai pagar”.

A entrevista de Mônica Bergamo “Ministro do STF diz que decisão de Moro foi 'ato de força' que atropela regras”, na seção Colunistas, expõe a posição do ministro do Supremo Tribunal Federal, Marco Aurélio Mello, que criticou a condução coercitiva demandada por Sérgio Moro. O ministro esclareceu que esse modo de ação é previsto

judicialmente apenas quando o cidadão resiste ou não comparece ao depoimento, constatou que não era o caso em questão e ainda ironizava a justificava de assegurar a segurança do depoente, indagando se haveria interesse de Lula em tal proteção.

A maioria dos comentários na reportagem tem o sentido de descaracterizar o posicionamento do ministro sob pretexto de que seria ele partidário de Lula e do PT. Os leitores apoiam a decisão de Moro, utilizando para tanto números e referências na maioria das vezes genéricas e pouco compreensíveis. Insistem que Lula havia sido intimado duas vezes, ou justificam a ação pela certeza antecipada de que ele se negaria a depor. A entrevista do ministro é vista como antiética, sendo sugerido até mesmo uma declaração discreta e não pública em meio de circulação. Em sentido oposto, considerando correto o posicionamento do ministro, pode-se observar comentários menos numerosos, reafirmando a percepção de exagero e desproporção na ação contra Lula, assim como opiniões de que ela foi puramente pirotecnia midiática, sem sequer ter relevância no processo que se equiparasse ao espetáculo construído. Essas intervenções foram sempre acompanhadas de contra-comentários, de leitores antipetistas, condenando de diversos modos o que havia sido dito pelos defensores de Lula (ou críticos de Moro).

No texto “Em depoimento, Lula perde paciência com pergunta sobre pedalinhas”, entre 152 comentários, predominaram 98 majoritariamente pejorativos: discursos de ódio, alguns incompreensíveis, todos a favor da operação e declaradamente com perfil antipetista. Muitos falam sobre vitimização do ex-presidente, o descrevem como “Al Capone”, ao tempo em que criticam os “petralhas” por seu vínculo com a corrupção. Há 26 comentários conflituosos em relação aos posicionamentos políticos, e muitos com discursos pejorativos misturados a informações. Alguns chamam Lula de demagogo. Outros relacionam os pedalinhas com a Fiat Elba, do ex-presidente Fernando Collor. Muitos falam em “choro”. São discursos com sensação de vitória, como numa batalha. Apenas 12 comentários são críticos em relação à operação. Alguns são a favor do governo do PT, outros apresentam posicionamentos críticos à notícia especificamente, mas sem viés violento – ao contrário dos demais comentários, que defendem a prisão de Lula. A grande maioria dos leitores críticos à ação da política desconfia da PF, assim como do sistema judiciário e dos interesses midiáticos. Outros defendem Lula, o governo e a ideologia do PT. Eles sustentam que o que acontece é perseguição política. Há quem

fale sobre a crise brasileira como uma das causas da investigação por corrupção.

A violência verbal esta bem presente nos comentários motivados por causas ideológicas. Com referência ao PT, dizem: “A violência e a barbárie do socialismo marxista cedo ou tarde aparece.” Alguns falam sobre o discurso de violência e ódio empregado pelo PT, que agora “volto[u-se] contra ele”. Outros acreditam que “Agora falam de guerra civil para se manterem no poder.” Certos comentários contêm frases violentas e qualificativos negativos para Lula e o PT: ele vai pagar, é um sadista e um ladrãozinho, arrogante, demagogo, corrupto, mentiroso, caricato, desonesto, hipócrita e sem-vergonha, parasita, ignorante, “o marco sangrento”, “demagogo megalomaniaco”. Nota-se também machismo em relação a Dilma.

Se vê violência também entre pessoas com ideologias diferentes e discutem entre si. Quando há um comentário defendendo Lula, aparece alguém contestando e desacreditando suas palavras e sua pessoa. “Você bebeu da cachaaça do pixullecco Ou bateu com a cabeça ao ver o noticiário? Ou somente mais um alliennado mesmo?”. Ou “Vergonha é ainda ter brasileiros que defendem essa gente. CADEIA NELES.” Discursos de direita sustentam que “esta meia duzia que mama na mesma teta ficar tentando defender estas atrocidades aqui. Vão ter que voltar a trabalhar.”

O texto “‘Não vou abaixar a cabeça’, diz Lula ao se sentir ‘prisioneiro’ em ação da PF” é acompanhado de vídeo de 26min da TVFolha. Trata-se de cobertura da entrevista coletiva à imprensa dada às 14h20 pelo ex-presidente na sede do diretório do PT em São Paulo. A matéria é ilustrada por um álbum de fotos relativas à condução coercitiva do ex-presidente, por dois infográficos (uma linha do tempo com os acontecimentos do dia e uma síntese das acusações do MPF contra Lula) e por um vídeo do Uol, de 2min. O texto teve 4,6 mil compartilhamentos e 146 comentários; foi o quarto com maior número de postagens naquele dia.

A seção de comentários massacra Lula com 119 críticas, em tonalidades da ironia à celebração, do ataque polido à agressão franca. O ex-presidente é ofendido com as seguintes expressões: vagabundo, bebê chorão, maior falastrão nacional, culpado esperto, corrupto, lixo, ridículo, mentiroso, bandido, Diabo em pessoa, cara de pau, pulha, arrogante, prepotente, espertalhão, farsante, canalha, covarde, liso, hipócrita, sem-vergonha, pilantra, entre outras. Poucos comentários estendem as ofensas à oposição

(“Aécio, Você é um cccusssao!!! Um ffrouxxxxo, um inerte, um acomodado, um encostado. E o partido ao qual Você pertence é formado por immmmbbbecis e bunnndas mmmollles. O llulllla, um cccannnalha, engole todos vocês sozinho. Baaaandddo de mmmerrdddas”).

O clima de ataque favorece a aparição de postagens misóginas (“Lula só falou baboseiras. Só valeu a pena assistir pelo para-choques com dois faróis altos da representante da UBES ao lado”) ou de vocação autoritária (“Que venham. Temos as forças armadas para moralizar um partido e governo desmoralizante”). Apenas seis comentários defendem abertamente o ex-presidente: “Eu desafio qualquer um da oposição que tenha um terço da honestidade de LULA” e “A imprensa no Brasil é golpista e entreguista”.

2. Discussão

A condução coercitiva de Lula para depor à Polícia Federal foi um momento de clímax no longo processo de criminalização de sua imagem pública – de “maior liderança popular da história do país” à condição de “chefe da quadrilha de corruptos”. Este artigo não é o lugar para esboçar a genealogia das expressões pejorativas que, utilizadas para caracterizá-lo ao longo do tempo, foram retomadas e usadas *ad nauseam* quando da circulação de imagens e narrativas sobre Lula num camburão da PF. “Bêbado” ou o neologismo “petralha” bastam como exemplos de caracterizações negativas originadas noutros contextos e novamente mobilizadas em março de 2016.⁸ A análise dos comentários observados neste artigo sugere que a cobertura da condução coercitiva tornou-se um espaço catártico, no qual pequena parcela de leitores da Folha, sobretudo os contrários a Lula e convictos de sua responsabilidade direta pela corrupção, decidiu extravasar sensações – alegria, orgulho, mas também ódio, ressentimento. Os discursos desse público reduzido, em comentários associados a noticiário relevante, suscitam ao menos dois tipos de problemática, relacionados ao lugar dos comentários: a) nas relações entre leitores e empresas, profissionais e produtos jornalísticos e b) nas experiências de participação política na esfera pública virtual, no contexto de radicalização ou polarização.

8 “Petralha” é expressão cunhada, ou assumida, pelo jornalista Reinaldo Azevedo, na edição de 20 de junho de 2007 da revista semanal Veja.

A Folha de S.Paulo afirma que sua seção de comentários “tem como objetivo promover o debate acerca dos assuntos tratados em cada reportagem” (FOLHA DE S. PAULO, 2016b). Cinco meses depois da edição aqui analisada, o diário restringiu o acesso de não-assinantes aos comentários da versão online e proibiu o uso de apelidos. A justificativa, breve, afirmou “estimular o debate qualificado sobre o noticiário e prestigiar os assinantes do jornal” (FOLHA DE S. PAULO, 2016b). Na nota, o jornal informou ter recebido, em seis anos, mais de 8,3 milhões de comentários – em média, 3,8 mil por dia, número superior ao total registrado em 4 de março de 2016.

A decisão de agosto alterou os termos e condições de uso da seção. Em março, as orientações vigentes proibiam procedimentos claramente identificados nos comentários analisados neste artigo. “Serão excluídos sumariamente comentários que contenham palavrões, ofensas pessoais, palavras cortadas por caracteres ou escritos em outra língua que não o português e totalmente em maiúscula”⁹ é uma das proibições contornadas pelos leitores. Grafar letras dobradas ou palavras com espaços entre as letras é artifício que permite driblar filtros de segurança automáticos para os comentários. É eficaz, porque o diário não dispõe de equipe para a leitura de todas as postagens, reagindo apenas quando algum leitor considera impróprio o comentário e o denuncia.¹⁰ Além disso, o diário afirma que “os comentários não devem conter em seu conteúdo os seguintes itens: [...] material pornográfico, grosseiro, racista ou ofensivo”. Também seriam vetadas postagens que contivessem “incitação ao crime; [...] material calunioso; [e] afirmações injuriosas ou difamatórias”.¹¹ O material analisado comporta grande volume de manifestações ostensivamente ofensivas, caluniosas, injuriosas, difamatórias – e incitação à violência.

A redação, afirma a norma, estaria “orientada a excluir comentários que não debatam diretamente o tema da reportagem a que estão relacionados”. Nem isso, nem o

9 Essas citações referem-se à versão dos termos e condições de uso vigente em março e não mais disponível na página do jornal na internet. A equipe de pesquisa copiou as normas de então e as conserva em arquivo de texto.

10 O mesmo comentarista da postagem mencionada, rogeomon, repete as vulgaridades em outra: “Enquanto esse bbbannnddidido, cccannnalhha tem à sua disposição e à disposição de seu advogado a imprensa e os microfones durante uma hora, essa nossa oposição de mmmerrrddaaa, frouxa, incompetente e ommmisssa, vai para casa cuidar da própria vida, curtir o final de semana e deLxa que essa ppppilllantra conte a história que quer e ainda contar de vítima!”

11 No mesmo sentido, a norma informa que o jornal vetaria comentários que “difamem, ofendam, perturbem a tranquilidade alheia, persigam, ameacem ou, de qualquer outra forma, violem direitos de terceiros; publiquem, postem, carreguem, distribuam ou divulguem quaisquer tópicos, nomes, materiais ou informações que incentivem a discriminação, ódio ou violência com relação a uma pessoa ou a um grupo devido à sua raça, religião ou nacionalidade”.

controle das proibições mencionadas no parágrafo anterior – destinadas a qualificar o objetivo de promover debate – foram realizados no caso estudado. As postagens se sucederam quase sem controle (apenas 1,5% foram removidas, provavelmente pelos filtros automáticos), o que nos legou os 2.040 comentários em questão.

A expansão do acesso à internet modificou radicalmente não apenas o modo como se faz e como circula o jornalismo, mas a relação entre mídias e profissionais da área e suas audiências. A possibilidade de intensificação das interações com o público é, entre as principais transformações estruturais do ofício nas últimas décadas, a menos estudada. A tese de Larissa Mendes sobre como o diário O Globo adotou diferentes estratégias para se relacionar com os leitores é uma exceção particularmente proveitosa para este estudo. Discordando de autores que consideram toda a interação potencialmente positiva, porque orientada por ações racionais dos leitores em contexto dialógico, Mendes (2012b, p. 15) considera ingênuo “achar que toda opinião de leitor parte de cidadãos interessados apenas em contribuir para o debate público”. O caso da Folha corrobora essa observação.

Na edição analisada, constata-se, em primeiro lugar, que o percentual de comentadores é muito baixo, tanto em relação ao total de leitores, quando em relação aos compartilhamentos em redes sociais. Os 589 leitores responsáveis pelos comentários aqui considerados representam um percentual ínfimo do público do diário em sua edição impressa, e ainda menor na digital. Apenas 120 leitores responderam por dois terços das postagens naquela edição. Um estudo diacrônico dos comentários da Folha poderá analisar a hipótese de que os leitores que gostam desse tipo de participação deslocaram-se do jornal online para o Facebook, em paralelo ao crescimento do alcance dessa rede social.¹² Lá, podem receber mais rápida e facilmente recompensas por suas opiniões (outros comentários, curtidas, compartilhamentos), sobretudo aqueles provenientes de sua rede imediata de relacionamentos. Se essa hipótese fizer sentido, o Facebook produzirá uma dupla apropriação dos conteúdos dos jornais online: além de promover a circulação de notícias e outros itens jornalísticos, a rede passa a abrigar, reconfigurando-

12 No início de 2016, o Facebook alcançava 99 milhões de usuários ativos por mês, oito em cada dez brasileiros conectados. O número quase dobrou em quatro anos: em 2012, era de 54 milhões de usuários ativos. As informações foram divulgadas pela empresa no evento anual Campus Party, em São Paulo. Ao longo do tempo, a rede social passou a ser reconhecida, por parte significativa dos leitores, como o principal canal para obter informação jornalística.

o, o debate entre leitores antes contido nas páginas de jornais.

Celebrada como uma possibilidade revolucionária para azeitar as relações entre as empresas jornalísticas e seus públicos, a interatividade no jornal online revela-se pouco produtiva. Raramente há interação entre os leitores (há quase sempre embate) e as menções dirigidas por estes ao jornal e aos jornalistas (nove) são pouco numerosas e, naquela edição, jamais respondidas. Isso justifica a refutação da classificação de tais espaços como “interativos”: sem qualquer feedback da redação, tornam-se arenas para confrontos ou púlpitos para a expressão de opinião.¹³ Como observa Mendes (2012b, p. 156),

a existência da internet facilitou o envio de cartas via correio eletrônico, ampliando o número de contribuições que chegam [aos jornais]. Por outro lado, não interferiu fundamentalmente no uso que se faz desse conteúdo. As cartas estão ali, publicadas todos os dias, como nos últimos 40 anos. Se os jornalistas das diferentes editoriais vão ou não ler e fazer esforço de aproveitamento é parte de uma outra problemática.

A internet também propiciaria aos jornais ampliar sua contribuição à democracia, ao abrigar discussões relevantes e pluralistas a respeito dos temas da cobertura. No caso analisado, isso tampouco se deu. O perfil dos comentários não representa diversidade de perspectivas – ao contrário, reflete dois tipos de opiniões ossificadas, em combate entre si, distribuídas desigualmente. Parte significativa dos comentários advém dos mesmos leitores, alguns dos quais desenvolvem a atividade de postar como ação política, o que intensifica o caráter enviesado dos comentários. Por fim, grande parte das postagens não corresponde a contribuições relevantes ou racionais, mas a manifestações catárticas, sobretudo de ressentimento. Como notou Gomes (2005, p. 221):

pesquisas demonstram, ademais, que as discussões políticas online, embora permitam ampla participação, são dominadas por uns poucos, do mesmo modo que as discussões políticas em geral. Em

13 “Não foi registrada a participação de autoridades públicas ou mesmo de jornalistas da Folha, tampouco há qualquer indicação de que os comentários são lidos ou considerados pelos jornalistas na execução de matérias ou mesmo no gerenciamento do site. [...] a ferramenta discursiva oferecida pela Folha.com pode ser classificada como um espaço público fraco, de pouco (ou nenhum) impacto” (SAMPAIO, BARROS, 2012, p. 202).

suma, apesar das enormes vantagens aí contidas, a comunicação online não garante instantaneamente uma esfera de discussão pública justa, representativa, relevante, efetiva e igualitária.

Os comentários publicados pela Folha celebram o modo como determinadas informações – no contínuo de uma cobertura complexa, frequentemente proselitista, de crise política e econômica – reforçam as opiniões que esses leitores têm orgulho de ostentar¹⁴; e o fazem manifestando sexismo¹⁵, ódio político¹⁶ ou de classe¹⁷, quando não racismo e homofobia, em linguagem ofensiva ou chula¹⁸, sobretudo quando se destinam a criticar o governo ou seus aliados. Ao acolherem comentários assim, *prestige papers* os legitimam como ações aceitáveis na esfera pública – e contribuem tanto para a radicalização das posições políticas, quanto para a deterioração do debate sobre os problemas estruturais e conjunturais do país. Ainda que os comentários representem um contingente minúsculo dos leitores e uma fração das postagens e compartilhamentos em redes sociais (não contemplados neste estudo), a presença neles de agressivos ativistas, principalmente à direita¹⁹, permite vê-los como um ninho em que posições políticas radicais são chocadas. Como não há dados públicos a respeito do alcance dos comentários em termos de audiência, é particularmente difícil inferir a repercussão política dessas intervenções.

A despeito das diferenças metodológicas, a observação do caso da Folha guarda semelhanças e divergências em relação a estudos anteriores dedicados a aferir o sentido ou a importância dos comentários em noticiário político. Assim como Cervi (2013), constatamos que os leitores da Folha fixam posições para o debate, pouco flexíveis à interação com outros comentadores. Para este autor, o participante do debate político

14 “Perfeito, concordo com vc! A cara de pau desse sujeito é estratosférica” (Je suis Moro !!). “Lu..lla está nos braços do povo, otários!!!” (Trohan).

15 “Quem são essas piranhas louras que estavam na sacada do prédio onde o ex [presidente] mora.?” (Formigão). “Caffajefferson, aquela put.nha que rodava a bolsa na esquina dizendo "Me comprem! me comprem!" e depois denunciou, escandalizada, "Me compraram! me compraram!"” (JAQUES BRAND).

16 “O Marajá e suas CleóPaTras desfrutando os adendos em viagens e seus eleitores tomando celveja nos bares ou farofando na praia, quando não doentes tentando uma vaga no excelência e super lotado SUS. Merecem? Ah se merecem.” (Expresse e Opine).

17 “APlaudindo estava um bando de gente que não trabalha há anos, só mamando nas tetas de todos nós. Do outro, vaiando, um bando de trabalhadores que não trabalha, porque perdeu seus empregos, devido à incomPTência e rou balheira.” (hugo).

18 “Agora os qua@drilheiros devem ordenar que seus lacaios, asseclas, alienados e sem caráter repitam que nem papagaios os clichês, quem defende imundice é imundo.” (Mazinho).

19 “O Octopus não é mais um cidadão. Não deve teve ter os mesmos direitos.” (Wusto).

“não chega ao espaço público desprovido de posição, em busca das melhores informações para só depois do debate tomar sua decisão. Ele já chega decidido e usa justificativas próprias e internas para reforçar essa posição” (CERVI, 2013, p. 97). Num estudo diacrônico, ao longo de uma campanha eleitoral, Cervi notou que os debatedores transitavam de posições políticas mais abertas para posições mais fechadas: “ou seja, em termos de relação, os comentaristas começam citando mais diretamente os demais e terminam 'falando mais sozinhos’” (2013, p. 97).

Este artigo não analisa uma cobertura contínua ao longo do tempo, até certo ponto rotineira, mas uma abordagem em tempo real de acontecimento inédito pela Folha. Sampaio e Barros (2012) estudaram 260 comentários em quatro notícias desse jornal e observam que temas polêmicos parecem estar ligados a maior agressividade²⁰: “o nível de insultos, ofensas, ironias e até de tentativas de humilhar ou diminuir outros usuários foi surpreendentemente alto, superando 50% das mensagens analisadas” (SAMPAIO, BARROS, 2012, p. 204). Para os autores, “os participantes estavam mais interessados em vencer a discussão do que efetivamente chegar ao entendimento. Há ainda o problema que os participantes não demonstraram estar abertos à revisão de seus posicionamentos, como o baixo índice de persuasão indica” (SAMPAIO, BARROS, 2012, p. 205).

Os resultados dessa análise reforçam as observações de Gomes (2005, p. 22) a respeito das potencialidades e dos limites da internet na promoção de uma arena virtual de debates relevantes para a democracia: “A abundância de meios e chances não formará, *per se*, uma cultura da participação política”. Ainda que, potencialmente, o ambiente digital permita uma configuração mais robusta para a seção de comentários, na qual as qualidades democráticas se evidenciem, isso não se dá sem uma intervenção do jornal na mediação das intervenções dos leitores. “A mesma possibilidade de anonimato que protege a liberdade política contra o controle de governos tirânicos e o controle das corporações é reforço considerável para conteúdos e práticas tirânicas, racistas, discriminatórias e antidemocráticas da internet”, observa Gomes (2005, p. 221).

Se seguimos o autor em outro texto, podemos nos perguntar pelos fins perseguidos pelas pessoas que participam das seções de comentários, comparados aos

20 Os autores também notaram esse tipo de matéria, em alguns casos, pode promover maior índice de deliberatividade – situação que não cabe à cobertura de um acontecimento como a condução coercitiva de Lula.

objetivos do diário ao abrir e manter espaços como esses. “(...) uma vez que haja confluência do propósito específico de uma iniciativa com a meta democrática de fortalecimento da cidadania, a eficiência do primeiro redundará em eficiência do segundo” (GOMES, 2011, p. 31). Uma possibilidade é que o interesse de ambos (jornal e leitores) convirja na direção de manifestações livres de censura, ainda que ofensivas ou de incitação ao crime. Nesse caso, os termos e condições de uso refletiriam uma restrição e um direcionamento que, em termos práticos, simplesmente não se aplicam. Outra possibilidade é a colisão entre o interesse do diário em debate qualificado e a indisposição da maioria dos leitores na discussão de ideias, quando não na produção de consensos. Como a Folha não explicita suas interpretações sobre o papel da seção de comentários – apenas a deixa acontecer –, não é possível saber se o que levou à restrição do direito de postagem apenas aos assinantes, em agosto de 2016, é o reconhecimento de abusos antidemocráticos, ilegais ou eticamente inaceitáveis por parte dos leitores.

Referências

BARROS, S. A. R. (2013b). O jornalismo online e a deliberação pública: em defesa da validade democrática das seções de comentários. In: **Anais do 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Brasília: Universidade de Brasília/SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Novembro de 2013. Disponível em: http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/admjor/arquivos/11encontro/comunicacoes_individuais/0128.pdf. Acesso em: 28 mar. 2016.

BARROS, S. A. R. (2013a). **Deliberação pública online**: Esferas conversacionais ao redor de conteúdos de três jornais brasileiros. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, 2013, 198 p.. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14589/3/Barros,%202013%20-%20disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20impress%C3%A3o%20entrega.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2016.

BARROS, S.; CARREIRO, R. (2015). A discussão pública e as redes sociais online: o comentário de notícias no Facebook. **Fronteiras – Estudos midiáticos**, 17(2):174-185 maio/agosto 2015.

CERVI, E. U. Como os webleitores do ‘Portal Estadão’ comentaram a eleição de Dilma Rousseff em 2010. **Explanans**, [S.l.], v. 2, p. 75-99, enero/jun. 2013

FOLHA DE S. PAULO. (2016a). **Folha tem dia com maior audiência da história**. 05/03/2016, 12h33. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/poder/2016/03/1746790-folha-tem-dia-com-maior-audiencia-da-historia.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2016.

FOLHA DE S. PAULO. (2016b). **Folha muda regras da seção de comentários em reportagens e colunas**. 01/08/2016, 08h40. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/08/1797541-folha-muda-regras-da-secao-de-comentarios-em-reportagens-e-colunas.shtml>. Acesso em: 01 ago. 2016.

FOLHA DE S. PAULO. (2016c). **Termos e condições de uso**. Disponível em: <http://comentarios1.folha.uol.com.br/termos>. Acesso em: 01 ago. 2016.

GOMES, W. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. **Revista Fronteiras**, v.7, n.3, p.214-222, 2005.

GOMES, W. (2011). Participação política online: questões e hipóteses de trabalho. In: MAIA, R. C. M.; GOMES, W.; MARQUES, F. P. J. A. (2011). **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, p.19-46.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. V.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MAIA, R. C. M. (2011). Internet e esfera civil: limites e alcances da participação política.

In: MAIA, R. C. M.; GOMES, W.; MARQUES, F. P. J. A. (2011). **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, p. 47-93.

MAIA, R. C. M. (2008). Democracia e a internet como esfera pública virtual: aproximação às condições de deliberação. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M. (Org.). **Comunicação e democracia** - problemas & perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008, v. 1, p. 277-292.

MENDES, L. M. R. (2012a). Leitores versus prefeito: autoridade contestada na área de comentários do Globo. **Anais**. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Novembro de 2012.

MENDES, L. M. R. (2012b). **O lugar complexo do leitor no jornalismo contemporâneo**: potencialidades, limites, dilemas e o caso do jornal O Globo. 2012, 231 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – UFF, Niterói, 2012.

MENDONÇA, R. F.; SAMPAIO, R. C.; BARROS, S. A. R. (Org.). **Deliberação On-line no Brasil**. Entre iniciativas de democracia digital e redes sociais de conversação. Salvador: EdUFBA, 2016.

RAIMONDO ANSELMINO, Natalia. (2014) Prensa Online y Tipos de Lectores: Respuestas del Público y Lógicas de Reconocimiento en los Comentarios a las Noticias del Diario Argentino La Nación. **Cuad.inf.**, Santiago, n. 34, p. 183-195, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-367X2014000100014&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 29 jun. 2016. <http://dx.doi.org/10.7764/cdi.34.535>.

SAMPAIO, R. C. (2011). Quão deliberativas são discussões na rede? Um modelo de apreensão da deliberação online. In: MAIA, R. C. M.; GOMES, W.; MARQUES, F. P. J. A. (2011). **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, p. 197-229.

SAMPAIO, R. C.; BARROS, S. A. R. Os sites de notícias podem estimular a deliberação online? Um estudo dos comentários de leitores postados no Folha.com. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 192-211, 2012.

SILVEIRA, S. A. S. (2015). Direita nas redes sociais. In: VELASCO E CRUZ, S.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (Orgs.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 213-230.

SINGER, A. **Os sentidos do lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TATAGIBA, L.; TRINDADE, Th.; TEIXEIRA, A. C. C.. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: VELASCO E CRUZ, S.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (Org.). **Direita, volver!** : o retorno da direita e o ciclo político. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 197-212.